

MEDIAÇÃO DE LEITURA EM AMBIENTE ESCOLAR A PARTIR DA OBRA A GRANDE FÁBRICA DE PALAVRAS, DE AGNÈS DE LESTRADE*

READING MEDIATION IN SCHOOL BASED ON THE BOOK THE GREAT WORD FACTORY

Ângela Maria Pinheiro¹
Maria Valdênia Silva²
Maria Zilvania Gomes Rabelo³

RESUMO: Este artigo aponta para a análise das relações de poder, segundo Michel Foucault, na obra *A grande fábrica de palavras*, de Agnès de Lestrade. Por meio de uma mediação de leitura literária no espaço escolar, esse trabalho objetiva refletir sobre as relações de poder vivenciadas no cotidiano social. Para tanto, usamos como metodologia de pesquisa o Círculo de Leitura de Rildo Cosson (2021) e dividimos o trabalho em duas seções: uma síntese da obra com reflexões sobre o conceito de poder, apresentando suas relações em uma perspectiva foucaultiana, junto à proposta de mediação de leitura numa escola pública em Fortaleza-CE.

PALAVRAS-CHAVE: Mediação de Leitura Literária. Círculos de Leitura. Poder. Relações.

ABSTRACT: This article points to the analysis of power dynamics, according to Michel Foucault, in the work *The great word factory*, by Agnès de Lestrade. Through the mediation of literary reading in the school space, this work aims to reflect on the power relations experienced in everyday social life. For this purpose, we used as research methodology the Reading Circle by Rildo Cosson (2021) and divided the work into two sections: a synthesis of the work with reflections on the concept of power, presenting its dynamics in a Foucauldian perspective along with the proposal reading mediation in a public school in Fortaleza-CE.

KEYWORDS: Literary Reading Mediation. Reading Circles. Power. Relations.

¹ Mestra em História e Letras pela UECE; Professora na Prefeitura Municipal de Fortaleza/CE; Membro do grupo de pesquisa "Literatura e as Metodologias para a Formação de Leitores" da FECLSC/UECE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8742-3529>. E-mail: angemariah@hotmail.com.

² Doutora em Literatura pela UFPB com pós-doutorado em Educação pela UFC. Professora do Curso de Letras e do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da UECE. Líder do grupo de Pesquisa LIMEFLE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0710-6185>. E-mail: maria.valdenia@uece.br.

³ Mestranda em Linguística Aplicada na UECE; Professora de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de Fortaleza/CE. Membro do grupo de pesquisa "Literatura e as Metodologias para a Formação de Leitores" na FECLSC/UECE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8197-3952>. E-mail: zilvaniagr@gmail.com.

*Artigo recebido em 24 de junho de 2022 e aceito para publicação em 09 de setembro 2022.



Introdução

Neste artigo, apresentamos uma proposta de mediação de leitura desenvolvida em ambiente escolar a partir da leitura do livro *A grande fábrica de palavras*, de Agnès de Lestrade (2013), com foco em uma discussão sobre a noção de poder.

Entendemos por mediação de leitura uma série de práticas que visam a aproximar um potencial leitor de um texto. Essas práticas podem ocorrer em espaços diversos e, igualmente, podem mobilizar agentes vários, como familiares, contadores de histórias profissionais, professores, dentre outras possibilidades. Como a leitura está, inequivocamente, nos horizontes de responsabilidade da escola, instanciam-se nesse espaço práticas pedagógicas de mediação de leitura.

A mediação, assim, possibilita a leitores caminhos para a construção de sentidos a partir dos textos. Para o processo de mediação descrito neste artigo, a atenção incidiu no desvelamento e problematização das relações de poder.

O termo poder pode ter vários significados, conforme o ponto de vista considerado, sendo uma das categorias analíticas mais estudadas nas Ciências Humanas no intuito de interpretar a realidade social. Em uma primeira aproximação, diversos são os questionamentos suscitados pela ideia comum de poder: o que é, afinal, poder? Quem detém o poder? Como ele é exercido? Como o poder é mantido, reproduzido, legitimado?

Para abordar essas questões, parecem-nos bastante produtivas as contribuições teóricas de Foucault nos estudos sobre os sujeitos e suas relações de poder numa perspectiva micro e macrossociológica. O autor aponta para um olhar transversal em relação ao poder, propondo que ele seja visto não com algo sediado em pessoa ou instituição, mas em relações que determinam sua natureza, seus limites e sua forma de funcionamento. Para Foucault, o poder não emana de uma fonte que o detém, mas se apresenta onde existem pessoas.

Dessa forma, refletir sobre esse tema é relevante por demandar e promover uma análise conceitual sobre como se dão as relações de poder na sociedade. A obra literária *A grande fábrica de palavras*, assim, possibilita-nos perceber várias naturezas de poder presente na sua narrativa, numa linguagem que articula elementos verbais e não verbais imbricados de tal forma que se torna um texto de coautoria entre a escritora e a ilustradora. Ao levar esta obra para uma mediação de leitura literária nos anos finais do ensino fundamental, percebe-se como, no



diálogo com os leitores, esses conceitos podem ser questionados por meio de processos metodológicos literários na instituição escolar.

O artigo se estrutura como segue: inicialmente, procedemos a uma breve apresentação da obra escolhida para as atividades de mediação de leitura aqui descritas. Após isso, apresentamos sucintamente o conceito de poder, segundo Michel Foucault, que serve de fio condutor para a atividade de mediação pedagógica. Em seguida, o artigo apresenta uma proposta de leitura da obra *A grande fábrica de palavras*, com base na noção de poder (FOUCAULT, 2013). A partir daí, o artigo descreve propriamente as atividades de mediação de leitura, desenvolvidas na perspectiva dos Círculos de Leitura (COSSON, 2014; 2021).

A obra A grande fábrica de palavras

No livro *A grande fábrica de palavra* (2013), de autoria de Agnès de Lestrade, ilustrado por Valeria do Campo, com tradução de Carlos Aurélio e Isabelle Gamin, o enredo é estruturado de tal forma que as relações de poder parecem constituir um percurso de sentido bastante relevante para a compreensão da obra. Trata-se da história de um garoto de uma classe social desfavorecida, chamado Philéas, que vive num país estranho, onde as pessoas precisam comprar palavras para poder falar. Nesse país, existe “a grande fábrica de palavras”, que manufatura palavras diuturnamente para serem vendidas, pois, no universo instaurado pela narrativa, falar custa muito caro.

Na história, é possível encontrar algumas palavras na lata do lixo, outras voando pelo ar e, na primavera, existe promoção, podendo-se comprá-las mais baratas; no entanto, todas essas palavras geralmente são consideradas sem maiores atrativos e sem finalidade. Philéas caçou com sua rede de pegar borboletas três palavras e vai oferecê-las a Cybelle, por quem está apaixonado, no aniversário dela.

Mesmo estas palavras sendo constituídas de muita simplicidade, elas são como pedras preciosas para o protagonista. Philéas não é o único encantado pela doce Cybelle. Oscar, um menino rico, que tem muitas palavras e um olhar seguro, diz para Cybelle que a ama e que tem certeza de que se casará com ela no futuro. Na relação de desigualdade socioeconômica entre Philéas e Oscar, marcada pela posse ou não posse de objetos associados a riqueza material, delineiam-se importantes relações de poder, que decidimos explorar em atividades de mediação da leitura literária com esse texto.



A noção de poder em Michel Foucault

Poder, em sua acepção corrente, é o direito de deliberar, agir, mandar e também, dependendo do contexto, exercer autoridade, soberania, a posse de um domínio, da influência ou da força. A palavra *poder* vem do latim, *possum*, que tem por significado “ser capaz de”, podendo ser aplicada em diversas definições e áreas. Pode-se, ainda, definir *poder* como “a capacidade ou possibilidade de agir ou de produzir efeitos” que “pode ser referida a indivíduos ou a grupos humanos” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 933).

Conforme uma perspectiva da sociologia, poder é a capacidade de impor a sua vontade sobre os outros por meio dos diversos tipos de poder: o poder social, o poder econômico, o poder militar, o poder político, entre outros. Do ponto de vista político, poder é a capacidade de impor algo sem alternativa para a desobediência, pois, quando reconhecido como legítimo e sancionado como executor da ordem estabelecida, coincide com a autoridade. O poder é manifestado nas diversas relações sociais, e onde há relações de poder, há política, e a política se expressa nas diversas formas de poder.

Na perspectiva de Michel Foucault, o poder se dá numa relação de forças. Sendo assim, o poder está em todas as partes. Todas as pessoas, de alguma maneira, estão envolvidas por relações de poder e não há como considerá-las independentemente delas ou indiferentes a elas:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2013, p. 162-163)



Foucault, em sua abordagem, rompe com as concepções clássicas dessa categoria. O poder não é algo que está numa instituição, numa função, no governo, em um lugar específico, mas está distribuído e agindo em toda a sociedade, em todos os lugares e em todas as pessoas. As realidades e as necessidades vão definindo as relações de poder, como nos explica Machado (2006, p. 168):

A mecânica do poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder esse que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo –, e se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder.

Foucault distancia-se de perspectivas legalísticas e institucionais de estudo do poder, porquanto esses modelos não permitem estudar a objetivação do sujeito, sendo a noção mesma de sujeito um dos focos do pensamento foucaultiano. O modelo legalizado olha para o poder de forma abstrata; sua existência se dá enquanto fenômeno político, legitimando-se por um corpus de valores, de crenças etc. A partir dessas lentes, não são observadas as mudanças oriundas dos sujeitos e momentos que modificam as estruturas e discursos. O modelo institucional olha para o Estado como ente fabricado e legitimado por esse poder plástico e abstrato. Dessa forma, Foucault nos leva à compreensão das definições de poder sem o descolamento do sujeito, observando o poder no sujeito.

Uma leitura das relações de poder em *A grande fábrica de palavras*

As primeiras palavras do livro *A grande fábrica de palavras* tratam de situar o leitor no universo em que ocorre a história: “Existe um país onde as pessoas quase *NÃO FALAM*. É o país da grande “FÁBRICA DE PALAVRAS” (LESTRADE, 2013).



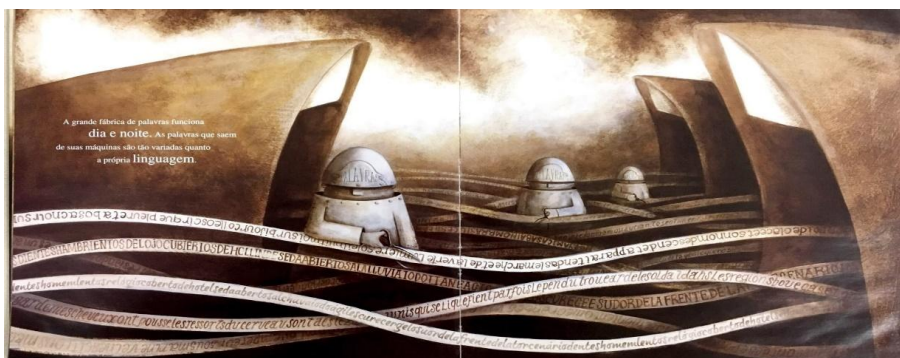


Figura 1: representação da fábrica de palavras no livro **A grande fábrica de palavras**

Fonte: (LESTRADE, 2013).

Transcrição: “A grande fábrica de palavras funciona dia e noite. Palavras que saem de suas máquinas são tão variadas quanto a própria linguagem”

Na articulação entre a linguagem verbal e não verbal da obra, conforme a figura 1, podemos identificar o poder exercido através da disciplina aplicada ao corpo. O texto vai revelando o monopólio da fábrica de palavras, a qual produzia todas as palavras que seriam pronunciadas no país inteiro. A imagem também nos revela o corpo do operário uniformizado, mecanizado, disciplinado à produção. As pessoas são distribuídas em postos, em quadriculamento individualizante, podendo ser analisadas de acordo com a função que exercem. O homem moderno vive nesse contexto de controle e utilitarismo.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2002, p. 119).

Nessa produção permanente, “dia e noite”, dá-se aqui o uso exaustivo do tempo. As atividades desenvolvidas pelos indivíduos devem ser rítmicas em um determinado tempo, ajustando dessa forma o corpo ao tempo da máquina, disciplinando-o de tal maneira que o homem passa a ser engrenagem eficiente desse dispositivo. O corpo, dessa forma, assume uma determinada postura que seja adequada para se tornar mais eficiente. Para se chegar a essa eficiência, é necessário que haja um sistema de comando e que cada indivíduo seja eficiente no seu espaço:



A disciplina é um controle do tempo. Isto é, estabelece uma sujeição do corpo ao tempo, com o objetivo de produzir o máximo de rapidez e o máximo de eficácia. Neste sentido, não é o resultado que interessa, mas seu desenvolvimento. E esse controle minucioso das operações do corpo, ela o realiza através da elaboração temporal do ato, da correlação de um gesto com o corpo que o produz e, finalmente, pela articulação do corpo com o objeto a ser manipulado. (MACHADO, 2006, p. 173)

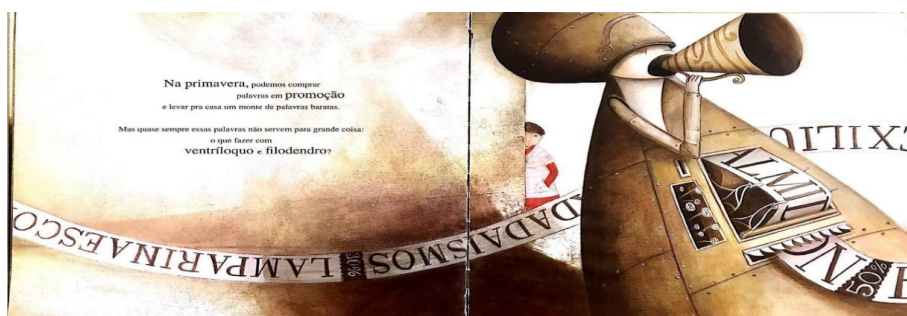


Figura 2: representação da venda de palavras no livro **A grande fábrica de palavras**

Fonte: (LESTRADE, 2013).

Transcrição: “Na primavera, podemos comprar palavras em promoção e levar pra casa um monte de palavras baratas.” Mas, quase sempre essas palavras não servem para grande coisa: o que fazer com ventríloquo e filodendro?”

Quem define que é na primavera que as palavras devem decair seus preços? Quais palavras custarão menos? Quem poderá comprar essas palavras? A que possibilidade de expressão essas palavras em específico favorecerão? Quais sujeitos, quais grupos de sujeitos controlam essas definições comerciais e para quê? Essa promoção é uma imposição partida de que ordem, de que estrutura decisória? Para endereçarmos essas questões, recorreremos ainda uma vez a Foucault:

A verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] [Ela] é deste mundo; ela é produzida nele e graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. [...] Em nossa sociedade, [ela] tem cinco características historicamente importantes: [...] é centrada na forma de discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política [...]; é

objeto [...] de uma imensa difusão e de um imenso consumo [...]; é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos [...]; enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”). (FOUCAULT, 2013, p. 51-52)

Conforme podemos constatar na figura 2, a fábrica de palavras realiza promoções periodicamente. Podemos ver aqui mais um dispositivo de exercício do poder, por meio do qual se impõe a toda uma população um ritmo de consumo consoante interesses que não são necessariamente os desse povo.



Figura 3: representação do personagem Oscar no livro *A grande fábrica de palavras*
Fonte: (LESTRADE, 2013).

Vemos, por fim, mais um mecanismo de exercício do poder nas relações entre os próprios personagens do enredo. Oscar, o menino rico, rival do protagonista Philéas, possui palavras em quantidade e diversidade suficiente para a formação de frases completas e complexas. Diferentemente de Philéas, que só possui três palavras a ofertar à doce Cybelle, Oscar pode escolher, entre uma diversidade de palavras, quais as mais emotivas, mais convincentes para revelar seu interesse por Cybelle, conforme podemos ver na figura 3, e as usa sem parcimônia. Oscar, desse modo, exerce uma relação de poder sobre Cybelle e Philéas por ter muitas palavras num país onde as pessoas quase não falam, pois, no país da grande fábrica de palavras, falar custa caro.

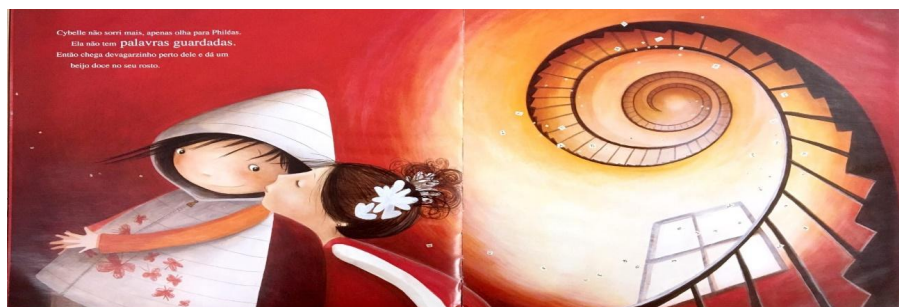


Figura 3: representação dos personagens Philéas e Cybelle no livro **A grande fábrica de palavras**Fonte: (LESTRADE, 2013).

Transcrição: “Cybelle não sorri mais, apenas olha para Philéas. Ela não tem palavras guardadas. Então chega devagarinho perto dele e dá um beijo doce no seu rosto.”

Onde há relacionamento humano, há relação de poder. Philéas se torna pequeno diante da quantidade e da qualidade de palavras que Oscar tinha, porém, diante de Cybelle, que nenhuma palavra tem, Philéas tem o poder de conquistar o seu amor com apenas três palavras.

Círculo de leitura: relato de experiência

Ler e estabelecer uma conexão com obras literárias diversas tem sido um desafio cada vez mais constante no mundo atual. Parece-mos tão conectados pelos recursos do mundo digital que, paradoxalmente, acabamos por nos desconectar de várias dimensões relevantes da vida humana. Nesse sentido, mesmo diante do cenário de aulas remotas advindo da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021, entende-se o Círculo de Leitura como

estratégia didática privilegiada de letramento literário porque, além de estreitar laços sócias, reforçar identidades e solidariedade entre os participantes, possui caráter formativo essencial ao desenvolvimento da competência literária, possibilitando, no compartilhamento da obra lida por um grupo de alunos, a ampliação das interpretações individuais. (COSSON, 2021, p. 09)

Desse modo, escolhemos essa estratégia didática convictas de que este espaço proporciona um contato eficiente com as vivências literárias experimentadas pelo grupo. O círculo de leitura pode

existir de diversos formatos, dentro ou fora da escola, para muitos fins, para públicos variados (adulto ou infantil). Aqui, focaremos nos círculos de leitura no ensino fundamental II, ao narrar como foi uma prática de mediação de leitura com duas turmas de 8º anos, numa escola pública de Fortaleza-CE, durante o período de ensino remoto no ano de 2021. Para tanto, utilizamos as fichas de funções propostas por Harvey Daniels (2022), que ajuda a explorar o texto, destacando, porém, que logo o grupo tenha familiaridade com os círculos que possam ser dispensáveis. Na nossa proposta as fichas foram escolhidas conforme a necessidade que sentimos ao ler o livro, não necessariamente todas as fichas precisam ser usadas. Esse caminho deve ser analisado pelo mediador de leitura que, nesse caso, foram as professoras, autoras deste trabalho.

O círculo de leitura literária da obra **A grande fábrica de palavras** foi realizado no dia 15 de junho de 2021, com as turmas de 8º ano da Escola Municipal de Tempo Integral Guiomar da Silva Almeida, da rede pública municipal de Fortaleza, de modo síncrono pela plataforma Google Meet. Os encontros virtuais ocorreram no horário em que costumam ocorrer as aulas de Português das turmas, no período do isolamento social. Antes, a professora Zilvania Rabelo, uma das autoras deste trabalho, divulgou o encontro nos grupos de WhatsApp das turmas e mencionou o fato de o círculo ter uma convidada, Ângela Pinheiro, também autora deste trabalho, que mediará a leitura da obra. No cartaz, deixou-se claro que a proposta era a vivência de um Círculo de Leitura Literária para que as turmas escolhessem, entre três obras disponibilizadas por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, qual o conto desejariam ler no Círculo de Leitura. Essa ação favorece uma proximidade maior com o livro, o que muitas vezes é subestimado no cotidiano da escola. A partir da imagem, divulgada uma semana antes, buscou-se uma mobilização maior dos estudantes no intuito de fazer a turma superar o desafio da leitura em tempos remotos.

Durante o processo do Círculo de Leitura, adotou-se a metodologia a seguir: a) apresentação das fichas de função escolhidas para o momento (fichas de leitura em que os alunos exercem a partir de determinada função no texto, conforme proposto por Cosson (2018)); b) discussão sobre o conceito da palavra *poder*; c) discussão sobre o conceito de poder para Foucault; d) leitura da obra; e) partilha dos sentimentos e sensações que a leitura despertou, numa perspectiva de Círculo de Cultura freiriano.



O encontro deu-se início com a professora Zilvania explicando o que seria um Círculo de Leitura e, em seguida, apresentando o caminho que seguiríamos na leitura mediada pelas fichas de função “iluminador de passagens” (onde se destacam partes da obra e se reflete sobre ela), “conector” (encontra-se algo da realidade e faz-se a conexão com a obra) e o “perfilador” (traça-se um perfil dos personagens).

Ao falar sobre o conceito de poder, com mediação da professora Ângela Pinheiro, as turmas foram instigadas a responder a partir da pergunta “O que é poder?”. Alguns alunos lembram e destacam o quanto é difícil ter poder, o quanto é difícil escolher um líder e dar poder a ele. Eles trazem exemplos de alguns poderes que consideram relevantes: “bombeiro tem o poder de apagar fogo”, “médico, de salvar vidas”, “presidente, de nos representar”. Para outro estudante, “poder é algo que está sobre a sua possibilidade de fazer”. Uma aluna traz uma pergunta, dialogando com as discussões: “Vocês já pararam para pensar em como se forma um líder? Em como a pessoa se torna um líder?”. A aluna completa, dizendo que seria interessante “se não só uma pessoa fosse líder, mas os poderes fossem compartilhados”. Nesse momento, a conversa gira em torno de mandatos compartilhados, inovação na representação política proposta por certos partidos políticos, em algumas casas legislativas do país. Depois, a mediadora leu para todos as várias definições de poderes presentes em dicionário, apresentando, em seguida, o conceito de Foucault já aludido acima, estabelecendo um diálogo com os exemplos que a turma trouxe.

A partir desse caminho, entrou-se na leitura da obra, sempre com algumas perguntas, mesmo antes das fichas de função, para facilitar a fruição dos alunos com cada parte do livro, a começar pelo título — “por qual motivo a história se chama *A grande fábrica de palavras?*” — e pelo final da obra, momento em que foram convidados a completar o “Mais...”, expressão que encerra a história. “Mais o quê, pessoal?”, dizia a mediadora. “Mais beijos”, “Mais amor”, “Mais sentimento”, “Mais esperança”, “Mais ânimo”, diziam muitos deles, provocados também a responderem “Quais sensações, sentimentos, emoções essa leitura acessou?”.

Alguns alunos trouxeram questionamentos como os seguintes: “O que impede essas pessoas de falarem?”, “Quem criou essa fábrica e como tomou as palavras da humanidade?”. A mediadora destacou a necessidade da fabulação para entender a história e acreditar nela e, em seguida, lembrou da ficha de função “conector”, fazendo-os re-



cordar de situações em que também pagamos para falar, assim como aconteceu na história. Lembrou-se das propagandas, dos jornais, dos *outdoors*, das tecnologias (o acesso à plataforma da aula só foi possível mediante pagamento), das cartas (em outros tempos, muito usada, também sob certo custo financeiro) e conclui-se que, segundo a narrativa, tem poder quem tem mais palavras. A história mostra a diferença social entre Philéas e Oscar, como existe uma relação de poder no modo como cada um tem acesso às palavras. Nesse sentido, caminhando para a ficha de função “iluminador de passagem”, os alunos comentam as expressões que Philéas utiliza para conquistar Cybelle, considerando-as sem sentido (“cereja”, “poeira”, “cadeira”) e lamentando o fato de Oscar não ter conseguido conquistá-la mesmo utilizando muitas palavras. Alguns estudantes, questionam a condição de vilão para Oscar, simpatizando com o personagem e com seu privilégio de poder articular melhor a sua fala por ter mais palavras. Aqui, nós pesquisadoras, ampliamos os questionamentos sobre meritocracia, reforçamos o quanto os dois personagens não estavam em condição de igualdade para uma concorrência, sejam através das palavras ou dos sentimentos, pois, nesse caso, mesmo Oscar querendo Cybelle, ela gostava de Philéas, e poucos se posicionaram quanto aos sentimentos e desejos de Cybelle.

Na última ficha, “perfilador”, uma aluna destaca Cybelle de forma consciente: “uma garota simples que não se importava com o dinheiro mais com as pessoas”. “Ela não tinha palavras, mas tinha a liberdade de escolher com quem queria ficar!”, diz uma outra. Por meio dessa observação das alunas e da função dessa ficha de perfilar os personagens, ao focarmos na personagem feminina, questionamos também o fato de ela não ter palavra alguma, guardadas, caçadas na lata do lixo, compradas na promoção, em síntese nos questionamos os motivos de Cybelle ser a única personagem totalmente silenciada na narrativa. Seria esse um reflexo do machismo estrutural que, historicamente, silencia as mulheres? Ainda nessa ficha, a turma escolhe o personagem Oscar e relatam que ele tinha o poder das palavras, mas não tinha o poder dos sentimentos. O Círculo de Leitura foi concluído com o norteamento das pesquisadoras sobre a complexidade do amor e das relações sociais que perpassam sempre pelas construções de poder que se tem cristalizado, estruturado na sociedade que se vive.



Considerações finais

Atividades de mediação de leitura precisam fazer a obra reverberar na vida e nos pensamentos dos leitores em formação, de modo a gerar memórias afetivas e estabelecer a leitura de obras literárias como uma proposta para a compreensão de aspectos importantes da vida humana. Assim, uma reflexão sobre a noção de poder contribui para que a mediação de leitura cumpra seus propósitos.

A contribuição a que esse trabalho se destina é iluminar o conceito de poder com esse olhar transversal de Foucault, auxiliando-nos a nos enxergar nas relações de poder que vivenciamos na grande fábrica de palavras a que pertencemos. Entendemos que a prática de mediação de leitura realizada nas turmas possibilitou aos alunos perceberem esse jogo de poder na obra literária e na vida. As fichas de função escolhidas ajudaram a aproximar os leitores da obra e a destacar pontos que consideramos essenciais para explorá-la mais profundamente.

Resulta claro, assim, que a mediação da leitura literária se faz necessária para a reflexão sobre sentimentos, pensamentos e atitudes humanas a partir das narrativas ficcionais, que refletem as realidades humanas para construir novos olhares e, em especial, perceber que o poder, o racismo, o machismo, o preconceito de forma geral, entre tantas outras mazelas ensinadas na nossa sociedade precisam ser combatidas.

As falas de muitos alunos nos intrigaram, por reproduzir modelos sociais injustos, ainda que a narrativa verbal e imagética redirecionasse seu leitor para outra vertente. Sentimos o quanto a escola precisa ofertar espaço de direito à literatura compartilhada, dialogada no real intuito de ser uma ferramenta de se discutir a humanidade nesse espaço de construção do saber, saber a ser gente.

Referências

BOBBIO, N.; MATTEUCCI.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BRAGHIN, Simone. O poder em relação: revisitando o conceito de poder em Michel Foucault, Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **PRACS**: revista eletrônica de humanidades do curso de ciências sociais da UNIFAP. v. 10, Nº. 1, p. 155-167, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/2263>>>. acessado em: 17 mai 2019.



COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura literária na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DANIELS, Harvey. **Literature Circles: Voice and Chchoice**. In Books Clubs and Reading Groups. 2. Ed Portland, Maine: Stenhouse Publishers, 2002.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Ed. Graal, 2013.

LETRADE, Agnès de. **A grande fábrica de palavras**. São Paulo: Aletria, 2013.

MACHADO, R. **Foucault: a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

